

Reginaldo Horta Azevedo

VOU TE CONTAR

Crônicas

Capa, Projeto gráfico e Editoração eletrônica.
Frederico Lobo Azevedo

Ficha catalográfica

Azevedo, Reginaldo Horta
Vou te Contar / Reginaldo Horta Azevedo; - Espírito Santo, 2019.
1. Contos

PREFÁCIO

Fazer um prefácio não é coisa fácil. Mais difícil ainda quando o autor é alguém como o meu querido irmão Reginaldo.

Diplomou-se em jornalismo depois de casado e sua “veia” de escritor ficou hibernando até que, ao mudar-se para Vitória (ES), começou a fazer trabalhos de “fere lance” para um jornal local sobre o comércio exterior e portos e, mais tarde, resolveu nos presentear com suas memórias.

Há mais tempo escreveu um ótimo livro sobre culinária, pois é exímio na arte de juntar ingredientes e proporcionar a todos excelentes iguarias. Depois escreveu “Está Nós” uma autobiografia.

Este terceiro livro de Crônicas é uma delícia de ler e as narrativas nos transportam ao fato e nos fazem rir, chorar e perceber a beleza natural dos lugares por onde andou e viveu. Seu lado poético (certamente herdado de nossa avó Palmira, mãe de nosso pai) escreve bonito quando diz “acordar o sol”, “a ilha de Bananal toma banho no rio Araguaia” e por aí vai.

Inteligente, vivo, observador, sempre sonhando e querendo viver a vida a plenos pulmões conseguiu armazenar uma bagagem incrível e sua ânsia de viver plenamente me faz ter muito orgulho de ser sua Irmã.

Alma simples, bom companheiro, vai driblando a vida com seu jeito maroto e perspicaz.

Regis, as escolhas mesmo que erradas, trazem aprendizado e

as oportunidades podem mudar nossos destinos.

Admiro você por sempre ter conseguido voar nas asas da imaginação, por nunca ter tido medo de chutar o balde, de mudar radicalmente, de viver.

Com Carinho

Marilda.

Marilda Horta Azevedo é a minha irmã mais velha o meu farol a minha segurança. Sozinha, dividindo casa e emprego, criou suas três filhas, formou-se em advocacia, por seis anos deu aulas em faculdade de matérias relacionadas a comercio exterior, e ainda por cima, gosta de mim.

ABSTRAÇÕES

Eu me considero uma pessoa de sorte por ainda estar vivo. Ao relembrar todo este tempo que vivi do ladinho da morte confirma o que eu disse. Sou um sujeito de sorte.

É verdade, levei uns bons sustos, mas consegui atravessar sem grandes ferimentos todas as emoções que a vida me proporcionou.

Recebi mais do que um presente. Foi um prêmio! Eu que não acredito em milagres tenho que repensar sobre a existência de anjos.

Por que ganhei? Não sei!

Resolvi, em forma de retribuição, a quem possa interessar levar para o papel de uma maneira mais real possível, os melhores e os piores momentos que participei, ora como expectador e ora como protagonista.

Fica claro que eu tive, por razões diversas, de mudar o nome de alguma personagem, trocar os cenários, mas não mexi no conteúdo. Neste apanhado de contos, narro os momentos vividos e as sensações absorvidas. Nele transcrevo os meus pecados e as minhas experiências para quem tiver paciência de ler as minhas histórias.

ASSOMBRAÇÕES

Quem, quando criança não teve mais medo de sua imaginação do que a realidade que lhe foi apresentada?

A nossa mente não contente com o que vê, consegue criar sempre os piores horrores para os nossos fantasmas.

Comigo não foi diferente. Falavam-me de um diabo e eu dobrava a feiura dele. Eu tinha seis para sete anos, morávamos em Lambari no sul de Minas Gerais. Era uma pequena e linda cidade de veraneio, na época, preferida pelos cariocas. No verão e nas férias escolares de julho, a cidade era invadida por personagens fantásticas.

Com hábitos bastante diferentes dos interioranos e pacatos Lambarienses, os cariocas escandalizavam a população ordeira e religiosa, com as mulheres vestindo saias curtas e fumando nos bares. Mas a ira dos mais velhos conservadores era aplacada pelo dinheiro que entrava.

Morávamos em uma casa ao lado do portão do Parque da Águas. Era antiga, simples com uma fachada reta, duas janelas na frente e uma escada lateral de cinco degraus que levava para a porta de entrada.

Com três quartos todos com portas para a sala e um vão que saía na copa. Tabuas de madeira de lei faziam o piso que só escovão dava brilho.

A copa tinha quatro saídas. Uma para a cozinha, onde se

localizava o “guarda comida” (um armário pintado de verde claro com telas nas duas portas e um trinco de madeira chamado de trâmela) e um bonito fogão de lenha.

As outras portas da copinha eram: A que dava para o sanitário e a que era do banheiro, comportando apenas uma banheira. Não tinha chuveiro. E, finalmente a porta que dava para o apertadíssimo quarto da empregada.

É dela que eu quero falar. Seu nome era Nice. Se tiver sobrenome, eu nunca ouvi falar. Negra, de pele luzidia, dentes brancos e os olhos mais negros que a sua pele que transpirava simpatia. Sempre usava um turbante branco enrolado na cabeça, imaculado, sem mancha alguma, era o sinônimo de alvura.

À noite, na sala, meu pai escutava o Repórter Esso pelo rádio que precisava de aproximadamente cinco minutos para esquentar as válvulas e começar a “chiar”. A partir daí começava outra luta para sintonizar o som da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Quando enfim, tudo acertado, não se podia fazer o menor barulho.

Em alguns dias da semana ele se prolongava na escuta. Era dia “do Balança Mais Não Cai”, quando ele dava boas gargalhadas ou escutando extasiado Dilermando Reis no violão ou o Rei do Baião, Luiz Gonzaga e sua sanfona de oito baixos. Nesta hora ele não aguentava e cantava junto “OÔÔÔ BOIADEIRO QUE A NOITE JÁ VEM, PEGA O SEU GADO E VAI PRA JUNTO DO SEU BEM!”

Antes de ir dormir, acertava o relógio do pulso e da casa pela Rádio Relógio do Rio de Janeiro, que não tocava nada e nem tinha propaganda apenas reproduzia o som do tic-tac de um relógio, e um locutor que, de minuto em minuto, falava as horas em tom

grave. São vinte e uma horas e doze minutos... Vinte e uma horas e treze minutos...

Depois que a casa ficava em silêncio, então, era a hora da Nice, no canto da copa, moendo o café torrado à tarde, em uma panela própria, no formato de uma bola que tinha uma janelinha que se abria com uma alavanca.

Esta bola, cheia com grãos de café cru, girava em cima do fogo até o grão ficar no ponto certo de torra, bem escuro, enchendo a casa de fumaça e deixando um aroma de café torrado inesquecível no ar.

Esses grãos depois de torrados, iam para um moedor preso a uma pedra mármore fixada na parede da copa. Regulava-se a textura do pó que se queria por uma borboleta na parte de traz, moendo um café mais fino ou mais grosso.

Enchia-se de grãos a boca do moedor e ao girar a manivela o pó ia sendo amparado em uma vasilha circular que ficava no moedor. Dali para o coador.

Nós, crianças naquele momento, em volta da Nice, agarrado as suas pernas escutávamos hipnotizados os casos de mulas sem cabeças, do Saci Pererê e de um Diabo horroroso, que se chamava Chicundum.

Esse era feio mesmo! Tinha no lugar dos olhos duas brasas que só de olhar queimava. A língua era escura, grudenta e enorme, tão enorme que descia como uma gravata e arrastava no chão.

Ele tinha preferências pelos meninos que desobedeciam aos pais, não tomavam banho, eram arteiros e não se saíam bem na escola. Quer dizer, ele só vinha atrás de mim.

O horroroso andava cambaleante e antes de devorar o menino ele enrolava o desobediente na língua e chupava como pirulito.

E Nice, quando queria que a gente debandasse para a cama, arrastava as unhas do seu pé no chão fazendo um ruído apavorante, dizendo: ele está querendo chegar...

E, lá ia a penca de meninos agarrados em sua perna, sem olhar para traz, sendo colocados um a um em suas camas. Só nos restava cobrir a cabeça. e rezar, porque, ela antes de sair do quarto profetizava.

Só a reza afasta o Chicundum!

Eu passei boa parte de minha vida e até agora não vi nenhum fantasma e nem mais o Chicundum está tão feio quanto me parecia na infância.

É verdade que por duas vezes eu quase vi uma assombração. Mas foi só quase!

A DÍVIDA DA MORTA

Vocês querem ouvir a história? Então, vamos lá!

Estava com meu irmão Luiz Afonso em Campanha no sul de Minas, no quarto do casarão que meus avós destinavam aos netos.

A cidade de Campanha tinha ou ainda tem no máximo 10 mil habitantes. Tanto o meu pai, quanto a minha mãe nasceram lá. Eu estava com 14 anos e Luiz com 13. A hora era adiantada. Perto da meia noite.

Isto lá não fazia muita diferença naquele tempo. Às nove da noite, ninguém mais estava nas ruas. Nós dois sentados na janela do quarto, de cuecas, com as pernas para o lado de fora, olhávamos a cidade dormir e lembrávamo-nos do nosso tempo de “menino” naquela terra, como se já fôssemos adultos!

O nosso quarto, tinha duas camas e uma escrivaninha. Nela trecos de meu avô e alguns livros. As camas sempre arrumadas pela Vó Hilda, com lençóis, colchas e cobertores que não havia frio Campanhense que vazasse.

Foi quando nos lembramos de Tia Zoraida, uma velhinha de cabelos brancos, sempre de coque, que em nossa visão pela idade ou por alguma doença só andava arrastando os pés. Passava a maior parte do seu tempo sentadinha em uma cadeira de balanço fazendo tricô, em geral paletós, sapatinhos e toucas para recém-nascidos.

Eu ia até o seu quarto e pedia para que ela me desse uns trocadinhos. Como ela não respondia então eu decidia que ela havia concordado. Ia até a sua bolsa de moedas e pegava algumas para fazer a farra nos doces e nas revistas em quadrinhos.

Ela só me olhava com seus olhos azuis. Não me lembro de rancores. Não ficava brava. Só me olhava.

Foi nesta noite que decidimos que devíamos pagar a ela pelo dinheiro que tomamos emprestado. Só que ela já havia falecido há uns seis anos atrás. Então, colocamos uma quantia que julgávamos como justo devolver no canto do parapeito da janela e passamos a chamar Zoraida para que ela viesse e pudéssemos então, saldar a conta. Se por acaso ela não aparecesse, estava entendido que a dívida tinha sido perdoada.

E chamamos – Zoridaaa, Zoridaaa, vem buscar a sua grana.

Já estávamos desistindo e dando a dívida por quitada quando tentamos mais uma vez. E chamamos a Zoraida. Neste momento, ouviu-se um estrondo no quarto, aumentado muitas vezes por ser o chão de tabuas de madeira e embaixo do quarto era o vão do porão.

Não sei mais descrever como fizemos. Só sei que estávamos na rua em milésimo de segundos após o barulho, de cuecas e a tremer de medo. Olhávamos para a janela do quarto lá de longe, quase um quarteirão de distância e, tudo escuro. E agora? Como é que voltamos para o quarto?

A sorte foi que um de meus tios, o Dinho, boêmio inveterado, solteiro por convicção, apareceu vindo da zona boemia. Espantou com os sobrinhos de cueca na rua e riu mais ainda quando

contamos que a Zoraida estava lá no quarto para buscar a grana.

E sem muito tato, foi nos empurrando, muito contra a nossa vontade de volta ao quarto. Entramos na casa e finalmente com o Tio na frente, fomos para o quarto. Estava tudo como antes a não ser por um enorme dicionário que jazia estatelado no chão.

Ele escorregou da escrivaninha e quase nos matou de susto. No canto do parapeito da janela, nosso dinheiro continuava ainda paradinho do jeito que deixamos.

Não foi ela que veio buscar o dinheiro. Nós é que estávamos com a mente cheia de medo, quase borramos as nossas cuecas. Mas por via das dúvidas, nunca mais a chamamos.

A segunda vez? Está bem, eu conto!

A ALVORADA

A cidade era a mesma, Campanha. Eu e Rubens (meu companheiro de aventuras) queríamos mudar o mundo. Por cima dos nossos 17 anos não nos conformávamos com nada.

Era um dia de chuva fina e fria que avançou noite adentro. A cidade estava coberta pela neblina. Já havíamos bebido o que podíamos e não havia mais bares abertos.

O relógio da imponente Igreja no final da pracinha bateu uma badalada rápida e sonora como de praxe batia para qualquer hora. Eram 23 horas. A ideia veio logo na nossa mente e quase falamos juntos.

Vamos acordar a cidade!

Vamos badalar esses sinos como se tivesse morrido o bispo. Vamos mexer com todos os ouvidos. A cidade hoje acorda antes de amanhecer, este era o plano.

Para entrar na Igreja só havia duas opções que conhecíamos. Uma, era pulando uma abertura circular quebrada na lateral do prédio e que saía em cima do túmulo do bispo. A outra pela báscula da torre que não fechava mais pela velhice do equipamento.

Combinamos assim. Quando desse 23h55min, para não chamar atenção, eu entraria pela lateral e o Rubens entraria pela frente e me esperava. A corda do sino ficava nesta torre e então tudo seria mais fácil.

O ato final era balançar a corda com o peso de nossos corpos

que o velho e barulhento sino ia berrar de tal forma que acordaria até a cidade vizinha de Cambuquira.

Depois sair rápido e assistir as caras assustadas que viriam como autômatos atender ao chamado do sino, reunindo-se na Praça da Igreja, apavorados com o fenômeno.

Sem demora pulei a grade externa da lateral, passei pelo canteiro e empurrei a velha abertura que gemendo abriu suas portas mostrando uma escuridão eterna.

Sem vacilar empurrei o meu corpo pelo vão e cai sobre a lápide onde eu imagino estão enterrados os restos mortais dos bispos que morreram em Campanha.

Tive que esperar um pouco, imóvel, para me acostumar com a escuridão. O cheiro de mofo era forte. Desci da sepultura e empurrei o portão da gradinha que rodeava o pequeno espaço que cercavam os mortos.

O barulho das dobradiças enferrujadas foi parecido com um grito de dor forte e doeu nos meus ouvidos. Ali eu senti um calafrio. Mas imediatamente disse para mim mesmo: não vou ficar com medo agora. E caminhei rumo à sacristia.

As imagens dos santos me olhavam com seus olhos enormes. Em um canto, junto à parede havia embutida uma imagem representando o corpo de Jesus ensanguentado, protegido por um vidro que, por um momento, eu podia jurar que levantou a cabeça para me olhar.

Engoli em seco e rompi os dez passos que me separavam para atravessar a porta da sacristia e sair no salão da Igreja. E assim foi feito. Abri a porta enorme de madeira maciça, descii três lances

de escadas passando pelo lado do altar.

Foi neste momento que minha perna travou. Eu tive a sensação de ter sentido uma respiração forte e quente soprando em minha nuca. Todo o meu sangue gelou. Com os meus cabelos em pé e o coração em disparada eu estanquei e não andava.

Queria olhar e não tinha força no mundo que virasse a minha cabeça. Quem era não falava, só respirava com o hálito quente, muito quente.

Eu olhava para o chão e a minha sombra mexia para lá e para cá acompanhando a dança das velas que queimavam sobre as bandejas de óleo santo.

Neste momento eu olhei bem e vi a minha sombra aumentando. Pensei na hora. O trem esquisito que está atrás de mim está se aproximando e vai me pegar ou, sou eu que estou chegando perto do chão desmaiando. Não quis, no momento, discutir este dilema.

Apenas, precisei de toda a minha força para dar um berro que ecoou por toda a igreja, ouvi os bancos estalarem e o bater de asas apressadas dos morcegos irritados pelo susto.

Isto me ajudou a quebrar a paralisia do meu corpo. Sai correndo com toda a força que tinha e que não tinha. Atravessei a fileira de bancos sem saber como. Até hoje tenho dúvidas; acho que voei.

Empurrei com o corpo a claraboia que o Rubens deveria entrar e cai no jardim em frente à Igreja, rolando em uma poça de barro e água.

Êta coração bom! Ainda estava batendo. Foi aí que eu avistei o Rubens, conversando calmamente com uma menina e até se esqueceu que tínhamos combinado de entrar no mesmo horário.

Não disse nada, mesmo porque fiquei sem fala naquela noite que esperava acordar a cidade e quem não dormiu fui eu.

Depois disto só me envolvi com fantasma quando andava pelo Peru com meu amigo Luiz Renato de Araújo Silva, vulgo Zé Colmeia. Nós estávamos indo rumo ao Chile conhecer a política do socialista Allende, presidente daquele país. Estávamos nos locomovendo a pé ou de carona. Era inverno e em alguns lugares, nevava.

Chegamos a um vilarejo e paramos em frente à Igreja. Já era quase noite e o frio de lascar.

Vimos alguns homens na frente da Igreja conversando e notamos pela veste que um era padre. Chegamos, pedimos licença e solicitamos que nos arranjassem um lugar para dormirmos e que seria por só aquela noite.

Depois de algum tempo tentando nos fazer compreender, uma pessoa conseguiu traduzir o que queríamos. Eles pararam, olhando para nós até que o padre apontando para um mausoléu no meio da pracinha, disse ou entendi assim o que falou: Vocês podem dormir lá!

Aceitamos alegres, mesmo porque a noite chegou e estávamos mortos de frio. Um homem magro carregando uma vela acesa abriu o cadeado que fechava a porta de ferro vazada do mausoléu.

Descemos a escada de uns seis a sete degraus e esperamos o magrelo chegar e iluminar o local.

Era um quarto com quatro por quatro metros, de teto baixo, porque Zé Colméia que tinha mais de 1,80 teve que andar curvado.

No meio do quarto, um túmulo com uma lápide de mármore

como tampa a um metro do solo. Pegamos umas roupas vestimos sobre as nossas, deitamos sobre a laje e o homem magro fechou a grade de ferro e foi embora levando a vela.

Eu e Luiz dormimos dominados pelo cansaço, mesmo com o redemoinho de vento forte, que se formava dentro do quarto, levantando folhas de jornais velhos que estavam espalhados pelo chão, fazendo com que elas batessem em nossos corpos nos acordando. Bem é verdade que nos acordou só no princípio, depois desmaiamos

De manhã bem cedo o padre abriu a porta e eu saí. O Zé ficou mais tempo arranjando a mochila.

Foi aí que com a chegada de mais duas pessoas da comunidade o Padre nos perguntou se vimos ou ouvimos algo. Eu disse que fora o vento e os jornais nada mais.

Vi os seus olhos brilharem. Vocês viram a folha de jornal bater em vocês? Perguntou afobado.

Sim eu respondi, a noite toda..

Ai o padre levantou as mãos para o céu e disse alguma coisa que não entendi. E voltando-se para mim disse:

O padre que está enterrado lá sempre faz uma previsão para todo o ano sobre a nossa colheita. O que precisa é alguém de fora dormir lá. Basta a gente interpretar a notícia no jornal que o vento vai deixar sobre o túmulo e tudo passa a dar certo para nós!

Nisso Zé Colméia que havia acabado de chegar perguntou. Um jornal amarelado pelo tempo?

Sim, falaram todos!

E o Zé com aquela calma de sempre disse: Eu acabei de limpar a bunda com ele! Só não apanhamos porque saímos rápido e ligeiro antes que o padre chamasse toda a população.

SHAMPOO ARISTOLINO

A memória olfativa me parece infalível. Quase tudo no mundo tem um cheiro. O aroma chega imediatamente à mente e nos remete há anos atrás, em lugares esquecidos e faz com que visualizemos com clareza o que o aroma lhe conta.

E isto serve para pequenas lembranças também. Tudo fica guardado em nossa mente e quando menos se espera se pronunciam.

Outro dia, andando pelas ruas de Vitória, no bairro Praia do Canto, um aroma me lembrou o meu primeiro banho com shampoo conhecido na época por Sabão Aristolino. E olhe que pelos meus cálculos já se passaram mais de sessenta anos.

O produto de cor escura, embalado em um vidro pequeno e achatado, parecido com o do terrível óleo de Fígado de Bacalhau que o pai da gente com a colher em punho, a filharada em fila, ia empurrando garganta abaixo um por um. E quem fizesse vômito, tomava duas colheres.

Em pé na banheira, eu olhava desconfiado vendo a mãe com aquele vidro. Ao destampar, o cheiro de remédio com perfume, tomava conta do banheiro. “Feche os olhos” mandava a mãe e esfregava o nosso couro cabeludo sem dó e nem piedade.

A vantagem é que o aroma dele abafava o cheiro do sabão de cinza que me ensaboava com a ajuda de uma “bucha” vegetal. Achei aquele momento olfativo o máximo. Talvez pelo preço,